

Afinidades eletivas: contribuições preliminares para a comunicação digital.¹

Erick Roza²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Após uma breve apresentação sobre a ideia de técnica e de tecnologia o artigo pretende debater de forma preliminar o rendimento do conceito weberiano de *afinidades eletivas* para os estudos em comunicação digital. Sua apropriação mira os determinismos de qualquer ordem e em particular o determinismo tecnológico. Após apresentar o desenvolvimento do conceito e seus usos tentaremos dele nos apropriar para pensar o advento das redes digitais e como elas se relacionam com os campos econômico, político e cultural para produzir as bases da nossa atual forma de vida refletida nas formas de pensar, agir e sentir.

Palavras-chave: afinidades eletivas; comunicação digital; técnica; determinismo tecnológico.

¹ Trabalho apresentado no GP Cibercultura do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Curso de Comunicação da ECA-USP, e-mail: erick.roza@gmail.com.

Introdução

A discussão sobre a técnica como sabemos é antiga. Remonta ao período grego clássico e desde então nos coloca para pensar sobre seus limites e suas possibilidades para a humanidade. Entre promessas redentoras e previsões catastróficas, o domínio da técnica ou a dominação dela sobre nós encontramos fértil campo para pensar qual é o seu real impacto em nossas vidas.

O mito prometeico é, talvez, o ponto de partida para o pensamento sobre a técnica na Grécia antiga. Galimberti (2006) lembra que o mito de Prometeu é inscrito numa relação de distanciamento em relação à ordem natural. Aparentando aos homens estável (eterna), a natureza se impõe contra a técnica. As cidades gregas, por exemplo, se constituem a partir de muros, que protegem e demarcam “no grande reino da natureza, o pequeno mundo dos homens”. Para os Gregos, portanto, o homem torna-se homem pela técnica. Antes de prometeu tínhamos uma íntima conexão, que é a mítica, com a idade de ouro.

Ocorre que a técnica condiciona a escolha dos fins bem como seus resultados. Assim sendo a escolha dos meios (técnica) torna-se o primeiro fim. É a técnica como fim a condição fundamental daquilo que chamaremos de razão instrumental. A imposição de sua lei objetiva à todas as subjetividades. Seu princípio regulador é a eficiência. (GALIMBERTI, 2006, p. 265)

Cabe aqui a definição apresentada por Galimberti (2006) que contribui para entender definitivamente a íntima relação entre a técnica e o humano.

A técnica não é neutra, porque cria um mundo com determinadas características com as quais não podemos deixar de conviver e, vivendo com elas, contrair hábitos que nos transformam obrigatoriamente. De fato, não somos seres imaculados e estranhos que às vezes se servem da técnica a às vezes dela prescindem. Pelo fato de habitarmos um mundo em que todas as suas partes estão tecnicamente organizadas, a técnica não é mais objeto de uma escolha nossa, pois é o nosso ambiente, onde fins e meios, escopos e idealizações, condutas, ações e paixões, inclusive sonhos e desejos, estão tecnicamente articulados e precisam da técnica para se expressar. (GALIMBERTI, 2006, p. 8).

Identificamos na tecnologia em geral e nas tecnologias midiáticas em particular um caráter não-instrumental³. A tecnologia deixa de ser uma ferramenta através da qual o homem interfere no ambiente para tornar-se parte constitutiva e constituinte do seu ser. Sua influência atinge, inclusive, a maneira como compreendemos o mundo participando ativamente na constituição da cognição dos sujeitos.

³ Algo que de certa forma fica implícito ao tratarmos as tecnologias como um polo ativo na lógica das afinidades eletivas. No entanto, para dirimir qualquer dúvida detalhamos também esse ponto.

Impossível, portanto, separar o homem das tecnologias que o rodeiam, bem como é impossível produzir uma concepção de humano que restrinja sua natureza às relações com um ambiente não tecnológico. Nosso espaço e nosso ser apresentam-se com a tecnologia, a forma como interagimos no território é a forma como interagimos também com a tecnologia. Di Felice partilha dessa concepção e diz:

(...) é necessário repensar o significado atribuído às nossas relações com o ambiente e ao habitar, em geral, a partir do conjunto das interações tecnológico-midiáticas que foram instauradas gradativamente entre nós e o mundo, dirigindo-se, assim, a perspectivas não mais antropomórficas ou instrumentais, mas eco-midiáticas. (DI FELICE, 2009, p. 65).

Notamos portanto que a técnica é parte constitutiva do homem. Se esse ponto é pacificado não podemos dizer o mesmo sobre como cada avanço técnico influencia a vida de todos nós. Um sem número de autores credita à tecnologia⁴ poder de determinar as formas de vida quase que por completo. Aqui inscrevem-se tanto críticos como ufanistas tecnológicos. De outro lado, pesquisadores dão ênfases distintas para aspectos econômicos ou para os *ethos* de grupos específicos para explicar o desenvolvimento social em detrimento de aspectos tecnológicos. Nesse contexto, a forma como cada um desses elementos de relaciona a partir de seu desenvolvimento histórico é deixado de lado.

A ideia de afinidade eletiva

Para superar o impasse entre os mais diversos determinismos o conceito de *Afinidades Eletivas* como apresentado por Weber (2006) nos parece ter grande rendimento. Vamos analisar sua gênese, suas implicações e exercitar sua utilização no campo da comunicação digital.

Além dos textos do próprio Weber⁵ nosso principal interlocutor para compreender como opera o conceito de afinidade eletiva é Michael Löwy (2011, 2014). Ele demonstra a fertilidade que podemos ainda encontrar nos escritos weberianos e que são pouco explorados.

O conceito surge na alquimia medieval para explicar a atração entre os elementos. “A afinidade é uma força em virtude da qual duas substâncias ‘procuram-se, unem-se e

⁴ Efetuamos um deslizamento entre os conceitos de técnica e de tecnologia. Para definições dos dois termos dentro do debate da cibercultura ver por exemplo Rüdiger (2011).

⁵ Weber não é nem o primeiro nem o único a usar o conceito de afinidades eletivas. Muitos autores contemporâneos a ele usaram o termo ou formas similares como por exemplo Simmel, Tonnies. Na atualidade temos por exemplo Maffesoli (2006).

encontram-se' numa espécie de casamento, de bodas químicas, antes procedendo do amor que do ódio." (LÖWY, 2014).

É desse lugar que avança para dentro do romance de Goethe que tem justamente como título *As Afinidades Eletivas* (um dos personagens, inclusive, estuda química). No livro o conceito faz referência a força de atração entre um homem e uma mulher e que ao se conhecerem se atraem de forma irresistível um ao outro causando inclusive o distanciamento de amigos e familiares⁶.

É a partir da leitura de Goethe que Weber apropria-se do termo. Podemos notar n' *A ética protestante* que seu desenvolvimento é fundamental para entender do que fala o autor:

Em face da enorme barafunda de influxos recíprocos entre as bases materiais, as formas de organização social e política e o conteúdo espiritual das épocas culturais da Reforma, procedemos tão-só de modo a examinar de perto se, e em quais pontos, podemos reconhecer determinadas 'afinidades eletivas' entre certas formas de fé religiosa e certas formas de ética profissional. Por esse meio e de uma vez só serão elucidados, na medida do possível, o modo e a *direção* geral do efeito que, em virtude de tais afinidades eletivas, o movimento religioso exerceu sobre o desenvolvimento da cultura material. (WEBER, 2006, p.83).

O que está em jogo aqui é uma grande polêmica sobre as determinações sobre os fenômenos sociais, no caso a formação do capitalismo. Weber está afirmando que a abordagem que trata do desenvolvimento do capitalismo a partir de sua base material deve ser matizado e colocado em perspectiva pela introdução de fundamentos espirituais. Em resumo podemos dizer que ele adota uma perspectiva de multicausalidade que se espalha pelo espiritual e pelo material. Muitas vezes uma leitura apressada do livro pode dar a impressão de que o autor está afirmando uma monocausalidade focada nos aspectos religiosos. No entanto, o próprio Weber nos lembra que essa ideia é "uma tese disparatada":

(...) não se deve de forma alguma defender uma tese tão disparatadamente doutrinária que se afirma, por exemplo: que o "espírito capitalista" pode surgir somente como resultado de determinados influxos da Reforma ou até mesmo: que o capitalismo enquanto sistema econômico é um produto da reforma. (...) (aqui) só serão elucidados o modo e a direção geral do efeito que, em virtude de tais afinidades eletivas, o movimento religioso exerceu sobre o desenvolvimento da cultura material." (WEBER, 2006, p. 82).

Em Weber a utilização do princípio da afinidade eletiva associa-se à sua perspectiva "pluralista". Evita-se aqui o determinismo de qualquer sorte, econômico, religioso, entre formas políticas e, para nós, principalmente o determinismo tecnológico. Ao mesmo tempo,

⁶ Cabe ressaltar que essa transposição da química para o romance, como afirma Löwy, foi facilitada justamente porque a alquimia medieval usava uma linguagem distinta da química de hoje e que a aproximava das emoções e dos afetos humanos.

o próprio princípio da causalidade, posto aqui em movimento como uma complexidade interativa, refuta as lógicas de causalidade direta, expressiva, entre tantas outras afeitas a linearidades explicativas típicas de um empirismo que teima em viver no final do século XIX

A noção de *afinidades eletivas* tem papel importante na forma como Weber apresenta as explicações dos fenômenos que estuda. No entanto, ele carece de uma conceituação mais detalhada e formalizada em seus textos. Tal tarefa será resgatada por Löwy (2011) em um artigo no qual ele toma para si a tarefa de delimitar a noção de *afinidade eletiva*. Diz ele:

Afinidade eletiva é o processo pelo qual duas formas culturais – religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas – entram, a partir de determinadas analogias significativas, parentescos íntimos ou afinidades de sentidos, em uma relação de atração e influência recíprocas, escolha mútua, convergência ativa e reforço mútuo. (LÖWY, 2011, p. 139)

Nesse sentido, a *afinidade eletiva* precisa de algumas premissas, que Löwy organiza em níveis, para que de fato possa se realizar. A primeira premissa encontra-se na passagem da potência ao ato que se realiza na história. Para que certa afinidade eletiva aconteça, extrapole o campo do possível, são necessárias condições históricas e sociais concretas que permitam a sua realização (LÖWY, 2011).

Em um segundo momento ocorre a escolha ativa e mútua entre as configurações socioculturais que nos levam a formas específicas de interação e convergência. Importante ressaltar, como indica Löwy (2011), que as configurações tomam uma dinâmica interna, mas as estruturas que as organizam ainda mantêm-se separadas. Por fim, articula-se certa “simbiose cultural” na qual as figuras apresentam-se “organicamente associadas” produzindo, assim, o “desenvolvimento de uma íntima e sólida unidade interna” (LÖWY, 2011).

Podemos notar claramente que a ideia de afinidade eletiva produz um conjunto-em-movimento. Ao associarem-se as formas materiais e espirituais se influenciam mutuamente e se transformam sendo ao final uma só direção em conjunto que guia o desenvolvimento histórico. Essa é, portanto, uma das maiores dificuldades para o entendimento das influências recíprocas que ocorrem: como saber em que medida cada um dos elementos contribui para a construção do fenômeno em análise? A resposta só pode ser encontrada em um estudo que não despreze os aspectos históricos das formações sociais.

Löwy é enfático ao nos trazer as vantagens de usar o conceito ao mesmo tempo que apresta certos cuidados que devemos tomar:

A meu ver, podemos ir mais longe, e o conceito de afinidade eletiva pode se aplicar a muitos domínios – desde que não seja confundido com o simples parentesco ideológico inerente às diversas variantes de uma mesma corrente social ou cultural, por exemplo, entre liberalismo econômico e liberalismo político, entre socialismo e igualitarismo, entre romantismo literário e romantismo social. A eleição e a escolha recíproca implicam distância prévia, uma diferença cultural que deve ser preenchida, uma descontinuidade ideológica. Utilizado corretamente, esse conceito permite compreender – no sentido forte de *Verstehen* – certo tipo de conjunção entre fenômenos aparentemente díspares, dentro de um mesmo campo cultural (religião, política, economia) ou entre esferas sociais distintas (religião e economia, misticismo e política etc.). Ele explicita processos de interação que não são da esfera nem da causalidade direta nem da relação ‘expressiva’ entre forma e conteúdo exemplo, uma forma religiosa é a ‘expressão’ de um conteúdo político ou social) nem da ‘função’ de uma parte num todo social. Sem substituir outros paradigmas analíticos, explicativos ou compreensivos, a afinidade eletiva pode também constituir uma abordagem nova, até o momento pouco explorada(...). (Löwy, 2014, p. 74).

Com as explicações apresentadas por Löwy podemos avançar indicando quais são seus rendimentos sem, no entanto, deixar de apresentar algumas lacunas que precisam ser preenchidas para que, a nosso ver, o trabalho de Löwy possa entrar no campo da teoria da comunicação digital.

Afinidade eletiva, comunicação digital e determinismo tecnológico

A mais importante contribuição dessa perspectiva funda-se na capacidade de dotar os conteúdos culturais da ideia de “atividade”. Tais conteúdos buscam, ativamente, as relações que produzirão as afinidades mais importantes para a consolidação de uma realidade historicamente situada. Outros autores corroboram com essa visão (LATOUR, 1994; LEVY, 1993, 1995, 2004; MCLUHAN, 1969, 1972) com pesos distintos para os elementos aos quais conferem essa potência de “atividade”.

Se a teoria de Weber ajuda a espantar certos fantasmas do determinismo ela parece deixar de considerar um dos campos que é palco de intensos debates e que cumpre um papel importante na teia de investigações na cultura digital: o elemento tecnológico. Em nenhum momento vemos um tratamento adequado à tecnologia devotado seja por parte de Weber, seja de Löwy⁷. Assim, acreditamos que pensar a tecnologia dentro da dinâmica das

⁷ Pode ser que alguns leitores afirmem o contrário se tratar a tecnologia dentro de um campo maior ao qual muitas vezes Weber dá o nome de “material”. No entanto, nos parece que podemos responder com dois argumentos. O primeiro de que quando o autor invoca o termo “material” está, na maioria dos casos, tratando da “economia” o que não é igual a

afinidades eletivas só pode ajudar se estabelecemos um espaço próprio, a partir do qual os elementos da técnica participam ativamente da constituição de nossa condição histórica atual.

Mantendo o rigor do uso proposto por Löwy devemos reconhecer o caráter histórico e socialmente situado das tecnologias digitais. Ao estudá-las devemos deixar claro que ela não opera desconectada do mundo que produziu tais tecnologias e que elas possuem uma genética que deve ser levada em consideração. Por esse motivo só conseguiremos dar a devida atenção ao fenômeno da comunicação digital situando-o dentro de um quadro mais amplo das transformações comunicacionais como fazem De Kerckhove, 2009; Di Felice, 2009; Vattimo, 1992, 1996 e McLuhan, 1969, 1972.

Nosso procedimento avança na mesma direção. Ele não tem por objetivo dar conta da totalidade daquilo que chamamos de comunicação digital. O intento é centrar os esforços no entendimento das relações entre o desenvolvimento tecnológico das últimas décadas e a sua afinidade com o campo econômico, político e com determinados *ethos*. A relação que articulamos representa um caminho entre a miríade de interações possíveis para dar inteligibilidade aos acontecimentos de nosso tempo.

Nesse sentido, uma série de autores nos traz exemplos de como certo desenvolvimento tecnológico tem papel relevante na constituição de afinidades eletivas. Algumas perspectivas são importantes para acompanhar esse movimento. A primeira diz respeito à ideia de que cada período da humanidade esteve associado a um conjunto de aparatos tecnológicos que ajudam a definir a forma como o homem dá sentido à sua existência ao mesmo tempo em que organiza seu aparelho cognitivo, bem no modelo de resgate histórico apontado por Löwy como necessidade para pensar as afinidades eletivas. McLuhan (1969) será um dos primeiros pensadores a associar os desenvolvimentos tecnológicos às transformações nas formas de pensar, agir e sentir das sociedades segundo ele:

(...) as consequências sociais e pessoais de qualquer meio — ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos — constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia. (...) Muita gente estaria inclinada a dizer que não era a máquina, mas o que se fez com ela, que constitui de fato o seu significado ou mensagem. (...) O conteúdo da escrita é a fala, assim como a palavra escrita é o conteúdo da imprensa e a palavra impressa é o conteúdo do telégrafo. Se alguém perguntar, “Qual é o conteúdo da fala?”, necessário se torna dizer: “É um processo de pensamento, real, não-verbal em si mesmo.” Uma pintura abstrata representa uma manifestação direta dos processos do pensamento criativo,

tecnologia. Em segundo lugar, ao destacar o campo da tecnologia da noção de “cultura material” colocamos em relevo o potencial da tecnologia na composição de afinidades eletivas com os demais elementos já tratados por Weber.

tais como poderiam comparecer nos desenhos de um computador. Estamos aqui nos referindo, contudo, às consequências psicológicas e sociais dos desenhos e padrões, na medida em que ampliam ou aceleram os processos já existentes. Pois a “mensagem” de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas, humanas. (MCLUHAN, 1969, p. 22).

Seu projeto de pesquisa faz assim um percurso histórico no qual nos mostra como tecnologias de comunicação específicas estão em estreita relação com formas de pensar o mundo e a sociedade em determinada época. Assim, não podemos entender o desenvolvimento da subjetividade dentro da sociedade burguesa sem pensar o papel que o livro tem para esse período. Para Di Felice, por exemplo:

Na época contemporânea, a humanidade estaria enfrentando uma ulterior revolução comunicativa, implementada pelas tecnologias digitais, que, numa concepção histórica, constituiria a quarta revolução e que, como as outras, importantes transformações no interior dos distintos aspectos do convívio humano. Nesta última, além da expansão do elemento comunicativo, que passará a permitir o alcance das informações a um público ilimitado e a transmissão em tempo real de uma quantidade infinita de mensagens, é o próprio processo e o próprio significado do ato de comunicar a serem radicalmente transformados. (Di Felice, 2008, p.22)

O autor está tratando das questões referentes à mudança radical apontada por McLuhan justamente pela introdução de uma nova tecnologia comunicativa, que produz uma inovação profunda no processo de comunicação, a internet. Como dissemos, a transformação decorrente da introdução da comunicação digital em um espaço antes dominado pela comunicação analógica espraia-se para todos os espaços da vida social. Santaella (2004) mostra outras características dessa mudança:

A emergência da cultura digital e seus sistemas de comunicação mediados eletronicamente transformam o modo como pensamos o sujeito, prometendo também alterar a forma de sociedade (...). A figura do eu, fixo no tempo e no espaço, capaz de exercer controle cognitivo sobre os objetos circundantes não mais se sustenta. A comunicação eletrônica sistematicamente remove os pontos fixos, as fundações que eram essenciais às teorias modernas. (...) Toda a variedade de práticas inclusivas na comunicação via redes- correio eletrônico, serviço múltiplo, instável, mutável, difuso e fragmentado, enfim, uma constituição inacabada, sempre em projeto.. (Santaella, 2004, p. 126).

Os ativistas já estavam habituados ao uso de meios de comunicação em suas lutas, mas nada que fosse tão instantâneo e interativo quanto a Internet. Desde o movimento neozapatistas em Chiapas (1994) – que inaugurou uma nova forma de conflito divulgando seus comunicados pelas redes, conectando-se, assim, a outros movimentos sociais globais e permitindo o acesso às informações e a atuação conjunta da sociedade civil internacional

que passou a desenvolver um papel ativo no conflito entre o governo mexicano e as comunidades indígenas através da rede (DI FELICE & MUNOZ, 1998) – até os movimentos antiglobalização, surgidos após o fim da Guerra Fria, com a crise do Estado do bem-estar social e das barreiras econômicas criadas pelos monopólios multinacionais, o que se manifestou foi a assunção, através do uso de uma nova tecnologia comunicativa, de um novo protagonismo sócio-político emerso da descentralização das redes.

Por outro lado, também McLuhan (1972) compreende as mudanças de longo prazo e assimila essa postura em seus textos ao mostrar como certas tecnologias tem a capacidade agir ativamente na forma como agimos, pensamos e sentimos. Seus textos sobre a relação entre contextos midiáticos e seus respectivos períodos históricos são outro alicerce organiza nossa discussão.

O desenvolvimento das Redes Digitais no início desse século abriu caminho para novas formas de interação entre o indivíduo, as tecnologias e o seu ambiente. Nesse contexto, muitas das categorias tradicionais que utilizávamos para pensar nossa sociedade precisam ser reavaliadas levando em consideração o poder transformador de tais tecnologias.

Pensar a partir do reconhecimento de que as tecnologias podem constituir campo específico que entra em relação no processo de afinidades eletivas é portanto fundamental para avançarmos dando o devido reconhecimento à tecnologia sem cair no determinismo tecnológico.

Além da lacuna tecnológica destacada acima devemos destacar uma outra ausência do conceito de afinidades eletivas: suas relações aparentam ter em Weber e em Löwy uma relação exclusivamente entre dois campos ou entre duas formas apenas, por exemplo, entre ética religiosa e éthos econômico. Falta ao conceito uma multiplicidade de interações que produzam as afinidades. Esse tipo limitação dualista em seu uso pode ser remontado à forma como sua apropriação foi se desenvolvendo. Surgindo da alquimia para depois entrar na obra de Goethe como uma relação entre homem e mulher aparentemente essa dualidade que era metafórica (entre homem e mulher formando um casal) tornou-se realidade analítica e aparentemente excluiu as formas de interações múltiplas. De onde surge a pergunta: as afinidades eletivas não podem ser relações entre três ou mais elementos? A resposta negativa não parece a correta.

Podemos então reformular nossa perspectiva inicial ampliando a questão do determinismo tecnológico para a seguinte pergunta: quais são as interações nos mais diversos campos (econômico, cultural, político, etc.) que produzem as afinidades eletivas que irão desembocar nas formas sociais atuais? A resposta, no entanto, só pode ser apresentada aqui de forma preliminar.

Em primeiro lugar a configuração que se apresenta quando tratamos de afinidades eletivas entre mais de dois elementos nos parece em muito com redes de afinidades. Isso aumenta em complexidade mas também cria uma alegoria ou uma metáfora visual muito próxima à comunicação digital.

Dentro dos campos que podemos destacar para a produção de certas afinidades no que diz respeito ao universo digital apresentamos alguns sucintamente.

- A constituição de um modelo econômico neoliberal que começa a ganhar forma a partir dos anos 30 mas que chega de fato aos principais centros de poder a partir dos anos 80 criando um modelo no qual o ponto principal é a competição generalizada entre indivíduos-empresa. É ele que está no centro da ação e da vida social. É o empreendedor como categoria concorrencial que se estabelece como modelo de análise e projeto de construção social. Como destacam Dardor e Laval (2016) “é relevante destacar que a virada neoliberal foi conexão de um projeto político a um só tempo tecnológico, comercial e produtivo.
- O surgimento de uma tecnologia digital em forma de rede desenvolvida primeiro pelo complexo militar norte-americano que em seguida se espalha para toda a sociedade e que se generaliza naquilo que viemos a chamar de internet. O surgimento de uma tecnologia digital Política
- O desenvolvimento de um ethos particular dentro dos grupos que trabalhavam com tecnologia, aquilo que Pekka Himanen (2001) chamou de Ética Hacker⁸.
- O desenvolvimento de uma forma de condução da política à qual Foucault (2008) chama de governamentalidade, ou seja, uma nova forma de desenvolvimento da organização das liberdades pelo Estado (compreendido como tecnologia de gestão das condutas).

⁸Não é um acaso que o título do livro de Himanen seja A Ética dos Hackers e o Espírito da Era da Informação. É uma clara associação ao modelo analítico weberiano.

Conclusão

Vemos portanto que a as afinidades eletivas se apresentam como estratégia conceitual importante para fugir dos percalços de um falso determinismo tecnológico. Se rendimento está justamente em permitir a interação entre diversos níveis e campos para uma explicação mais complexa sobre a sociedade digital.

Ao tratar da tecnologia em perspectiva privilegiada em determinadas análises não deve-se deduzir necessariamente que tratamos de dizer que a tecnologia tem primazia sobre outros campos na configuração da sociedade atual. O objetivo é, ao modo weberiano, construir uma interpretação o mais completa possível mas que não pode se exaurir em um único texto, ou mesmo em um único artigo.

REFERÊNCIAS

DARADOT, P. LAVAL, C. **A nova razão do muno: ensaio dobre a sociedade neoliberal.** São Paulo: Boitempo, 2016.

DI FELICE, M. **Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar.** São Paulo: Annablume, 2009a.

_____. (Org.) **Pos-humano: a crise do humanismo na época das redes.** São Caetano do sul. Ed. Difusão, 2009b

_____. (Org.). **Do Público para as redes.** São Caetano do Sul. Ed. Difusão, 2008

FOULCAUT, M. **Segurança, Território e População.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GALIMBERTI, U. **Psiche e techne: o homem na idade da técnica.** São Paulo: Paulus, 2006.

HIMANEN, P. **A Ética dos Hackers e o Espírito da Era da Informação.** Rio de Janeiro: Campus, 2001.

LÉVY, P. **O que é o virtual.** S. Paulo, Editora 34, 1997.

_____. **As tecnologias da inteligência.** S. Paulo, Editora 34, 1995.

_____. **Cibercultura.** S. Paulo, Editora 34. 1993.

LÖWY, M. **Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber.** PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.17.2, pp.129-142, 2011.

_____. **A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano.** São Paulo: Boitempo, 2014.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo.** São Paulo: Forense universitária, 2006.

MATTELART, A. e M.. **História das teorias da comunicação.** São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

MCLUHAN, M.. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** S. Paulo, Cultrix, 1969.

_____. **A galáxia de Gutenberg.** São Paulo: Edusp, 1972.

MCLUHAN, M; MCLUHAN, E. **Laws of Media: The New Science.** Toronto: University of Toronto, 1988.

RÜDIGER, F. **Teorias da Cibercultura: perspectivas, questões e autores.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Navegar no ciberespaço** - o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

VATTIMO, G.. **A sociedade transparente**. Lisboa: Relógio d'água, 1992

_____. **O fim da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da Sociologia Compreensiva**. Vol.1. 4a ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

_____. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.